

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo

Class.: Amaz./Internac.

Data: 11/02/89

Pg.: 06

# 'Venda' da Amazônia é novidade para Departamento de Estado americano

PAULO FRANCIS

De Nova York

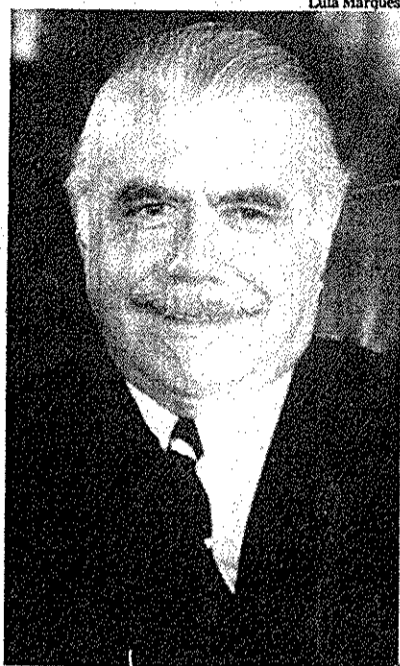
A declaração de Sarney à Folha de que não venderá um metro da Amazônia por dinheiro internacional algum colheu de surpresa personalidades do gabinete do secretário de Estado recém-nomeado, James Baker. Afirmaram que no que toca aos EUA desconhecem qualquer proposta de "internacionalização". Do Banco Mundial, o correspondente obteve a informação de que nada neste sentido está também sendo sugerido ao Brasil, ou sequer cogitado pelos planejadores do Banco. Há preocupação, sem dúvida, com a devastação ecológica da Amazônia, mas isto é assunto velho e já discutido com governos anteriores ao de Sarney.

Quanto às relações ruins entre Brasil e EUA, também citadas por Sarney, estas personalidades do Departamento de Estado dizem que as relações diplomáticas são normais e cordiais, mas que há disputa comercial conhecida entre os dois países, decorrente do batoteamento por parte de fabricantes brasileiros de patentes e modelos de computadores dos EUA, o que deverá ser resolvido no GATT, que reúne todos os países do mundo ocidental, em Genebra.

A renegociação da dívida externa brasileira entre Sarney e George Bush, durante o funeral do imperador Hirohito, do Japão, não foi incluída até agora na agenda do presidente dos EUA, disseram estas personalidades, aventando a possibilidade de que em alguns dias o Itamaraty ou o embaixador do Brasil em Washington façam "démarches" neste sentido.

Em todo o caso, a renegociação não é costumeiramente empreendida com o presidente dos EUA, porque os credores são banqueiros particulares, a maioria europeus e japoneses, e qualquer proposta de Sarney a Bush seria encaminhada por este ao ministro da Fazenda dos EUA, Nicholas Brady, e este a levaria aos banqueiros e ao FMI, que é o árbitro internacional reconhecido pelos EUA nestas questões.

Qualquer renegociação da dívida tem de passar pelo crivo do FMI, no



O presidente Sarney, em seu gabinete

entender dos assessores de Baker. A situação atual do Brasil é penosa, porque limitada ao pagamento de juros aos credores, sem qualquer novo financiamento, porque até o momento nada foi proposto como programa econômico ao FMI e aos banqueiros (os quais confirmaram ao correspondente esta afirmação de funcionários do Departamento de Estado).

Estes funcionários do Departamento de Estado mostraram curiosidade em saber que assessores da Casa Branca seriam estes contatados pelo embaixador do Brasil em Washington, uma vez que os quadros da Casa Branca, do presidente recém-empossado, George Bush, permanecem em 70% incompletos. E o protocolar naturalmente seria que o embaixador brasileiro se dirigisse ao Tesouro (Ministério da Fazenda) ou ao Departamento de Estado. Oficialmente, ao menos, a iniciativa brasileira, pelo que este correspondente pôde apurar, permanece desconhecida em Washington.

Leia mais sobre Amazônia nas págs. C-1 e C-3

## Embaixador vê 'negligência'

De Washington e da Sucursal

O embaixador brasileiro nos EUA, Marcílio Marques Moreira, disse ontem que o governo norte-americano tem deixado a América do Sul "relegada a uma negligência benigna". Ele afirmou que não tem sido fácil reverter a "negatividade" da pauta de negociações entre o Brasil e os EUA. O embaixador fez estas declarações a propósito da entrevista do presidente Sarney sobre as relações entre os dois países. O Departamento de Estado dos EUA não fez comentários sobre a entrevista, argumentando desconhecer seu teor. O assessor de comunicação social da embaixada dos EUA em Brasília, William Baar, procurado ontem pela Folha, não quis comentar as declarações de Sarney.

O embaixador brasileiro citou como exemplo dessa pauta negativa a conservação da floresta amazônica. "Não descartamos a cooperação positiva que qualquer país possa fornecer, mas não aceitamos condi-

cionalidades." Entre estas "condicionalidades" estaria a idéia de usar a conversão de dívida externa para a proteção da Amazônia. Sarney não admite a possibilidade de conversar com o presidente americano, George Bush, sobre a Amazônia, já que não existe nenhuma proposta oficial do governo americano a respeito. Os dois presidentes devem manter um encontro —ainda não confirmado, segundo Moreira— neste final do mês no Japão, durante os funerais do imperador Hiroito.

O único ponto que Moreira citou como um avanço nas negociações entre os dois países foi o acordo aéreo, que aumentará o número de vôos entre Brasil e EUA. Segundo o embaixador, a política dos EUA no governo Reagan preferiu se voltar para problemas mais "candentes", como a guerra no Golfo Pérsico e a presença soviética no Afeganistão. "É urgente que os EUA se voltem para problemas com uma dimensão mais social, como as demo cracias nascentes da América do Sul."